

## O FUMO DA BAHIA E O TRÁFICO DOS ESCRAVOS DO GOLFO DE BENIM

A propósito do livro de Pierre Verger, editado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (Série Estudos n.º 6, 1966), o escritor José Roberto do Amaral Lapa publicou no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, diário da Capital paulista, o seguinte artigo:

Título: *O fumo da Bahia e o tráfico dos Escravos do Golfo de Benim*, Centro de Estudos Afro-Orientais, Série Estudos n.º 6. Universidade Federal da Bahia, 39 págs.

Autor: Pierre Verger, a quem conhecemos em 1961, na Bahia, no mesmo Centro de Estudos Afro-Orientais que ora edita esta sua plaqueta e que na época era dirigido pelo escritor Agostinho da Silva. Suas preocupações, então voltavam-se para o estudo do forte português de São João Batista de Ajuda, na costa ocidental da África, de que resultou, aliás, seu bem documentado trabalho "Le fort St. Jean-Baptiste D'Ajuda" (1721-1961), recentemente editado pelo Institut de Recherches Appliquées du Dahomey como a primeira de suas "Memórias" que pretendemos resenhar em breve.

Conhecendo como poucos a Bahia, de um conhecimento que tem muitos alcances e dimensões, Pierre Verger conhece também suficientemente a África, sobretudo as áreas outrora vinculadas aos interesses portugueses. Atualmente é "Chargé de Recherches" do CNRS, de Paris e "Research Associated" do Institute of African Studies da Universidade de Ibadan, na Nigéria, encontrando-se, no momento, a reali-

zar pesquisas sobre as origens das religiões africanas da Bahia, investigações essas que se procedem no Daomé e na Nigéria.

Assunto: o estudo de que ora nos ocupamos constitui resumo de um dos problemas abordados num volume bem mais ambicioso a aparecer na coleção "Le Monde D'Outre-Mer" da Ecole Pratique des Hautes Etudes, de Paris, intitulado "Flux et reflux de la traite négrière entre la Baie du Benin et la Baie-de-Tous-les-Saints".

Apreciação: O tabaco continua na História do Brasil a reclamar estudos que mostrarão um complexo de implicações econômicas dos mais interessantes, sendo suficiente nesse sentido lembrarmos-nos das conexões que formavam o triângulo comercial "açúcar-escravos-tabaco" envolvendo os interesses do Brasil, África e Europa para podermos verificar o alcance de suas revelações.

Pierre Verger nos mostra (pág. 12) que em boa parte, as condições de facilidade e aceitação que o tabaco brasileiro foi encontrando como mercadoria da mais alta expressão para consequimento dos escravos tiveram sua origem numa imposição dos holandeses, que no século XVI permitiram que, em determinados portos os traficantes portugueses apenas desembarcassem fumo da Bahia e não mercadorias da Europa, o que representou forte estímulo aos negociantes balanos em detrimento dos da metrópole.

Dá-nos ainda o autor o porque da permissão holandesa, interessada também em obter o produto brasileiro para suas transações, co-

mo a impedir qualquer forma de competição à colocação dos artigos europeus na África.

Claro é que, por outro lado, o nosso tabaco, ou melhor, o tabaco baiano, tornou-se logo mercadoria de longa aceitação entre os sobas, difundindo-se rapidamente seu consumo por toda a África.

Assim, há muito ainda por ser estudado no que diz respeito aos escravos africanos que vinham para o Brasil, sobretudo o escravo enquanto na África, o escravo enquanto no mar e o escravo destribalizado geralmente, quando não oferecendo uma certa continuidade cultural originária, como nos tem demonstrado o próprio Pierre Verger ao estudar sobrevivências africanas no Brasil.

Neste opúsculo é demonstrada a maneira de tratar o fumo na Costa da Mina (pág. 13), sobre informações que geralmente foram calçadas em documentos de arquivos europeus, o que nos permite verificar, por exemplo, os códices que tratam o tema e são conservados nos Archives Nationales de Paris.

Mas, a plaqueta tem ainda inúmeras outras informações de grande interesse, como é o caso do temor do governo metropolitano exarado ao Governador da Bahia de que a concessão que tinham os negociantes da Bahia de colocar o fumo nas costas africanas em detrimento dos negociantes portugueses acabasse por concorrer para nossa independência pelo progresso econômico que nos traria, recomendando então que os portugueses tivessem mais vantagens que os brasileiros nesse sentido (pág. 15).

Também se aponta o comércio intercolonial Brasil-África, sem interferência da metrópole (pág. 17), assunto já anteriormente tratado por outros autores e que agora recebe novos subsídios. Da mesma riqueza como sugestão de estudo é o quadro que nos apresenta à pág. 20 com o total de 368 navios carregados de tabaco que de 1681 a 1710 foram da Bahia à Costa da Mina,

contra apenas 17 que no mesmo período seguiram para Angola.

Ficamos aguardando assim com grande expectativa o trabalho já anunciado pelo autor, no qual abordará em maior amplitude o mesmo assunto para verificarmos o alcance da convergência da cultura lorubá para a Bahia, determinada pela aceitação do fumo baiano em certas áreas fornecedoras de escravos africanos.

## DOCUMENTOS ARABES

MONTEIL, VINCENT — “Analyse des 25 documents arabes des Malés de Bahia (1835)” *Bulletin de l'Institut Fondamental d'Afrique Noire — Série B — Sciences Humaines — Tome XXIX — N.ºs 1-2 — Janvier-avril 1967*

O Prof. Vincent Monteil publica uma análise dos documentos árabes relativos à insurreição dos malés, na Bahia, em 1835, com base nos “fac-similes” dos mesmos, enviados pelo Centro de Estudos Afro-Orientais ao Institut Fondamental d'Afrique Noire, para estudo e divulgação de conclusões a respeito.

Na análise feita, contudo, há pontos a discutir.

Inicialmente, na página 88, escreve V. Monteil — “Ces esclaves yoruba (en majorité) étaient souvent musulmans. Ceux-ci étaient surnommés *Malés*, terme qui n'a rien à voir avec le Mali (comme on l'a cru, parfois)”. Ora, sabe-se que a percentagem de muçulmanos entre os lorubás era relativamente baixa, em comparação com outras etnias, tais como os hauçás, fulas, mandingas, gangaras, igualmente levadas para a Bahia, em grande parte, já islamizadas. Muitos dos lorubás só foram convertidos ao Islã em contato com muçulmanos dessas etnias.

Quanto à etimologia da palavra *malé*, provinda do lorubá “*imalé*”, será oportuno registrar a mudança de opinião do Prof. V. Monteil, tomando-se por base o que antes afirmara na sua obra “*L'Islam noir*” (p. 47) publicada em 1964. Quanto à possibilidade de a palavra “*imalé*”

provir do árabe "mu'allim", tese que hoje aparece como a mais verossímil, pretendo tratar do assunto num próximo trabalho.

A seguir, na página 90, V. Montell afirma: — "Mais le texte fourmille de fautes d'orthographe, de barbarismes et de solécismes, qui montrent bien que les Malés étaient, pour des raisons compréhensibles, peu instruits et presque illettrés". No entanto, o que os documentos revelam é um grau de instrução muito variado da parte dos seus autores. Há vários deles praticamente sem erros (N.ºs 1-3, 5-11 da nossa numeração), o que comprova não haverem sido "pouco instruídos e quase analfabetos" os que os redigiram. Se outros há, que, em verdade mostram erros, omissões e solecismos, isto não nos deve levar à conclusão do Prof. V. Montell.

Ainda na página 90 encontramos a seguinte afirmação: "Ce qui

donne à penser que certains de ces Malés avaient encore des prénoms musulmans, tandis que d'autres étaient, plus ou moins superficiellement, catholiques".

Parece-me contudo que o nome cristão de um escravo não permite conclusão alguma sobre a sua religião. Na Bahia, todos os escravos tinham nomes portugueses, e do mesmo modo, os Malés, como provam os autos policiais, onde todos os acusados possuem nomes católicos. No entanto, o escravo muçulmano poderia bem usar seu nome árabe nas relações com seus correigionários.

Na sua análise, V. Montell introduziu uma nova numeração dos documentos, diferente da por nós apresentada. Para evitar erros, confrontamos no quadro seguinte as duas numerações.

Num. nossa	Num. de Montell	Num. nossa	Num. de Montell	Num. nossa	Num. de Montell
1	8	11	2	21	18
2	9	12	10c*	22	21
3	10b*	13	10a*	23	12
4	10d*	14	3	24	20
5	6	15	11	25	23
6	7	16	24*	26	17
7	4	17	14	27	13
8	5	18	19	28	15
9	—	19	24*	29	—
10	1	20	16	30	25

(\*) Algumas das nossas fotografias reproduzem dois ou mais documentos

No que se refere à numeração dos versos corânicos, V. Montell usa os números da edição de G. Flügel "Corani textus arabicus", Lipsiæ (Leipzig) 1870, os quais, infelizmente, ainda são empregados em certas obras européias, quando seria preferível utilizar-se a numeração da edição oficial cairina do rei Fu'ád ("Qur'ân Karim" — Cairo A. H. 1342 (1923) como o fiz no meu trabalho, publicado no número 2/3

de *Afro-Asia*, sobre os documentos em causa.

Finalmente, o Prof. V. Montell usa para os textos corânicos a tradução de R. Blachère ("Le Coran" — traduit de l'arabe — Paris 1957) bem como os seus comentários, adotando as hipóteses extremamente sutis do famoso islamólogo francês. E assim, na análise do documento n.º 2, V. Montell escreve "...la sou-rate CVI ("Les Qoraysh"), si dou-

teuse, de Régis Blachère (p. 666), "que trois versions peuvent en être fournies". Pourquoi cette prédilection, de la part des Malés? On peut, il est vrai, tirer ce que l'on veut d'un texte aussi confus: le châtiement qui frappe "les hommes de l'Elephant", une défiance envers Mahomet, un appel au maintien de l'union ...."

Acontece porém que o homem do elefante não aparece no texto da Sura 106, copiada pelo Malé mas sim no primeiro verso da Sura anterior que Blachère, na sua "versão A" junta com a de n.º 106. As outras hipóteses de Blachère de que a Sura em questão foi revelada a Maomé porque este "sentia a desconfiança dos seus partidários" ou de que se trata de um "apelo para a manutenção da união" são ainda mais discutíveis. O que é difícil porém é imaginar-se um Malé da Bahia, n 1835, presentindo toda a sutileza da islamologia européia do Século XX.

ROLF REICHERT

### ALIANÇA COM A MISÉRIA

Heinrich Bechtholdt, *Die Allianz mit der Armut*, Ed. Rombach, Freiburg i. Br. Alemanha ocidental.

O título do livro de Heinrich Bechtholdt, "A Aliança com a Miséria", é esclarecido pelo seu subtítulo: "A Estratégia revolucionária da China contra a Rússia e a América". Segundo o Autor, no cinquentenário da Revolução de Outubro não tanto Moscou, mas Pequim, está na liderança da estratégia da transformação revolucionária do Mundo. Prova "A Aliança com a Miséria" que Mao Tse-tung transfere a imagem do mundo centrada da antiga China, deslocando-a do "Império do Meio" para o programa revolucionário comunista. Mao Tse-tung, preconizando a supremacia da China Vermelha e passando por cima de Moscou, quer substituir a Europa e a América do Norte na hegemonia mundial, pondo em seu lugar a Ásia,

a África e a América Latina. Para este fim, o "Maoísmo", comunismo com novo alento, aparece como única ideologia básica e propulsora. No que diz respeito à estratégia militar, Mao Tse-tung recomenda, em todas as partes do Mundo, a chamada "guerra popular", conforme a experiência da China e do Vietnã. No decurso desse tipo de guerra, segundo o pensamento maoísta, as forças do adversário seriam dispersadas por quantas arenas fosse possível, tornando-se assim fáceis de serem superadas.

Este livro apresenta, pela primeira vez, a completa sistemática da estratégia revolucionária de tipo chinês para o resto do mundo. Através da sua leitura a política chinesa deixa de ser a "grande incógnita" numa perspectiva global.

ROLF REICHERT

### DIÁRIO DA AFRICA

*África Difícil: Missão Condenada* — *Diário*, Raymundo Souza Dantas, Coleção Nova África, Rio, 1965.

This book was the first and, as far as the reviewer knows, the only in the Coleção Nova África of the Editora Leitura, S/A. The aim of the Collection is stated as being to furnish "the Brazilian reader better knowledge of the realities of those young nations", by making available "works of national and foreign authors, "about diverse aspects and problems" of Africa.

This book, in many different ways, fulfils this aim. It is a rather unusual book, made up of a short introduction, leading the reader unto the main part — a diary of the personal experiences of the writer, which serve as points of departure for the author's reflections and comments about African affairs. An appendix is added on the Brazilian "Presence" in West African countries, past and present.

The writer of the book was the first Ambassador of Brazil in Ghana—from September 1961 until he

resigned in August 1963. He was the first black Brazilian to be appointed to such a high post, and this occurred in the short Presidency of Jânio Quadros — the period when more was done than before or after to bring Brazil and Africa closer. Before being appointed an Ambassador, Mr. Souza Dantas had been — in a difficult but persistent life — a journalist, an author (two novels, two short novels, a book of tales, one biography) and an official in the Ministry of Foreign Affairs under President Quadros.

A keen observer, and interested personally in what was going on, Mr. Souza Dantas tried to see things not simply as a diplomat. As he writes, "I wanted . . . . to live with the African, feel with him his problems, old and new . . . . since, I repeat, I belong to another universe, I am a negro of another civilization". (Book p. 35-36). This interest he expressed in long private walks around Accra, the capital of Ghana, a city he calls not the most authentic African capital, still "more genuine than Dakar or Abidjan, for example". It also involved four trips inland.

What he found he tells us in his clear matter-of-fact way. He shows a world in rapid change and development, a world trying to overcome "the retardation" of centuries "in six years, what other countries, without the surcharge of the misfortunes which it suffered, attained through many years" (P. 15). Of Ghana, he reveals a country with dynamic leadership trying through many original formulas to solve its problems, going to its rich past and present examples to form coherent policies. In all these he shows an understanding and concern which makes one overlook some statements made out of impatience or pride.

Mr. Souza also tells us much about some aspects of Ghanaian culture most of which he collected from personal reading (often in the "Balme" Library of the University of Ghana) and talks with well-known cultural leaders like the

Late Kofi Antubam of Achimota School and Nana Kobina Nketsia, then attached to the Institute of African Studies, University of Ghana.

Much of his time was, however, spent in seeking contacts with the descendants of "Brazilian" Africans. Many of these had returned, when they regained their freedom, to West Africa settling all along the then so called "Slave Coast" as far as Lagos and also on the Gold Coast.

Many of these descendants still retain vestiges of their Brazilian stay. (Freed slaves had returned to West Africa much earlier, but in the nineteenth century there were many more, especially after the Slave Revolt of 1835 in Bahia, the freeing of the "Free Africans" in 1864, and the final abolition of 1888. In 1897, Nina Rodrigues in *Os Africanos no Brasil* personally witnessed the embarking of many Nagos and Hausas for Africa.) Mr. Souza Dantas had contacts with those in Accra, Togo and even in Dahomey where he met the descendants of the famous Xaxá Souza, (an early nineteenth century Brazilian who settled at the coast of Dahomey and gained much wealth and influence through trade).

A feeling of frustration and pessimism comes out strongly in the diary. This was due to what the writer felt was his "condemned mission". The criticisms which followed his appointment, the lack of home support and interest in a progressive African policy, following the renunciation of Jânio Quadros, and the consequent reduction of the Embassy to what he calls a "simple bureaucratic office" combined to irritate Mr. Souza greatly; and he didn't hide this. In this connection, it would appear the book has wrong title "Africa Difficil" since what was difficult was not Africa or African affairs but his mission.

Because of the author's interest in following things as they were going on and trying to understand them, the book gives a good idea of an African country of the present.

It does not portray Africa through rigid anthropological theories nor does the author seek to confirm any old biases and prejudices. It is hoped this book will be read by many in Brazil and will incite a desire in some to know about the

realities as opposed to the myths and distortions perpetuated through productions like "Africa Adeus" and the recent article in "*Manchete* (August 9th) .

SAMUEL BOADI-SIAW — (formerly of the  
*University of Ghana Legon*)